

## COLOMBIA PRIMA: As Relações entre Cultura Impressa e os Interesses Diplomáticos Portugueses no Final do Século XVIII

### COLOMBIA PRIMA: The Relations between Printed Culture and Portuguese Diplomatic Interest at the End of the 18<sup>th</sup> Century

Carmen Marques Rodrigues<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo aborda a colaboração conduzida por Luís Pinto de Sousa Coutinho (1735-1804), o Visconde de Balsemão, para fornecer diversos mapas sobre o Brasil para o geógrafo inglês William Faden (1749-1836), com o intuito de influenciar o desenho da América portuguesa no mapa *Colombia Prima or South America*, publicado pela primeira vez em 1807. Estabelecer essa relação bilateral era de interesse mútuo, por isso sustentamos que *Colombia Prima* representa a síntese do conhecimento geográfico português sobre o Brasil, acumulado ao longo do século XVIII. Ao participar dessa construção o Visconde de Balsemão pretendia usar a autoridade do mapa para propagandear os limites das possessões portuguesas na América do Sul, consolidando na opinião pública ilustrada os limites continentais do Brasil, diante de uma América espanhola que estava prestes a esfarelar.

**Palavras-Chave:** Cultura Impressa, Mapas, Diplomacia.

**Abstract:** This paper addresses the collaboration conducted by Luís Pinto de Sousa Coutinho (1735-1804), the Viscount of Balsemão, to provide several maps of Brazil to the English geographer William Faden (1749-1836) to influence the design of the Portuguese America on the map *Colombia Prima or South America*, first published in 1807. Establishing this bilateral relationship was of mutual interest, which is why we maintain that *Colombia Prima* represents the synthesis of Portuguese geographic knowledge about Brazil accumulated throughout the 18th century. By participating in this construction, the Viscount of Balsemão intended to use the authority of the map to publicize the limits of Portuguese possessions in South America, consolidating the continental limits of Brazil in illustrated public opinion in the face of a Spanish America that was on the verge of crumbling.

**Key Words:** Printed Culture, Maps, Diplomacy.

#### *Introdução: O Geógrafo*

William Faden, um dos mais renomados geógrafos, editores e gravadores de mapas impressos da segunda metade do século XVIII, foi retratado por seu cunhado, John Russell (1745-1806) em 1797. Na imagem, veste-se com trajes de um cavalheiro, exibindo cabelos grisalhos típicos de um homem de meia-idade, com o rosto sereno e firme. Sua mão direita aponta elegantemente para o que aparenta ser um globo lunar.

---

<sup>1</sup> É doutora em História da Ciência pela UFMG. Investigadora do grupo de pesquisa internacional GEOPAM (Geopolítica Americana de los siglos XVI-XIX), professora de história do Brasil na Vitru Educação. Desenvolve pesquisas com foco na História da Cartografia. @CarmemMarx (twitter) @historiaecartografia (instagram)

Este retrato, a única imagem conhecida de Faden, oferece um vislumbre do rosto por trás do proeminente geógrafo e gravador de mapas.

**Figura 1:** Retrato de William Faden.



Fonte: John Russel, 1797. Disponível em: [https://www.geographicus.com/P/ctgy&Category\\_Code=faden](https://www.geographicus.com/P/ctgy&Category_Code=faden). Acesso em: 10 de mai. de 2022

Seu pai, também William Faden (1711-1783), possuía uma concorrida oficina gráfica na *Fleet Street* em Londres, rua que se inicia na *Temple Church* e se estende até a *Ludgate Hill*, situada no coração da Cidade de *Westminster*, que abrigou, do século XVI ao XX, as principais oficinas gráficas e escritórios de impressão e editoração da Inglaterra. “Entre 1744 e 1776”, por exemplo, o velho “Faden possuía 26 aprendizes para lidar com as demandas de coordenação, impressão, encadernação e distribuição de sermões, folhetos religiosos, peças de teatro e textos médicos” (Torbert, 2017, p.561) que imprimia e vendia em sua oficina. Como era o costume entre os artesãos, o pequeno Faden cresceu no mesmo ambiente de trabalho do pai, vivendo entre papéis, prensas, tintas e placas de cobre.

Foi nessa mesma rua que o adolescente Faden começou sua carreira, tornando-se aprendiz, aos 15 anos, na oficina de James Wigley (1700-1782), um gravador de cartões comerciais e decorativos. Pode ter sido nesse momento que Faden entrou em contato com os mapas, provavelmente trabalhando com cartuchos decorativos, uma tarefa que era normalmente delegada às oficinas de gravadores especializados, como Wigley (Worms, 2004, p.8). O fato é que, pouco tempo depois de deixar essa oficina, após

terminar o seu estágio como aprendiz, Faden já estava trabalhando em seu próprio negócio, em parceria com Thomas Jefferys Jr, filho de Thomas Jefferys (1719-1771), um dos principais comerciantes de mapas do início do século XVIII, e Geógrafo do Rei George III (1738-1820). A oficina foi rebatizada, em agosto de 1773, como *Jefferys & Faden*.

Ao assumirem a oficina que pertencera a Thomas Jefferys, localizada na esquina da *Charing Cross* com *St. Martin's Lane*, os jovens Jefferys Jr e Faden já começavam suas carreiras em um local que gozava de famosa reputação, construída ao longo de mais de 20 anos, pelo antigo dono. Além da clientela fiel e da notoriedade da loja, os novos sócios também contavam com duas redes de contatos, também construídas por Jefferys. A primeira era a rede de geógrafos europeus com quem podiam comprar e vender mapas e a segunda era constituída por uma vasta gama de trabalhadores terceirizados, como topógrafos, desenhistas e gravadores, que podiam ser recrutados a seu serviço. Este parece ter sido um momento de grande aprendizado para Faden que, rapidamente, soube explorar essas vantagens e delinear um caminho propício para alavancar sua carreira.

A parceria foi dissolvida em 1776, mas Faden continuou trabalhando, dessa vez em sua própria oficina. Sua loja de mapas tornou-se rapidamente uma das mais prestigiadas, superando até mesmo as oficinas de geógrafos renomados, como Robert Sayer (1725-1794), que, por coincidência, ficava próximo à loja do pai de Faden na *Fleet Street*. O êxito acelerado de Faden deveu-se, em grande parte, à Guerra de Independência Americana (1775-1783). Demonstrando habilidade em formar uma rede de informantes, o geógrafo iniciou uma ágil produção de mapas da guerra e da América do Norte. Surpreendentemente, esses materiais eram impressos e disponibilizados para venda em questão de meses após os eventos terem de fato acontecido no outro lado do Atlântico.

Inicialmente, Faden recorreu aos seus contatos na Europa continental em busca de mapas originais e atualizados para revendê-los, mas, com o advento da Guerra de Independência, o fluxo comercial se alterou. “Entre 1777 e 1786, a rota Paris-Londres de venda de mapas se inverteu, com William Faden despachando algumas centenas de mapas para Jean Nicolas Buache de la Neuville, em Paris” (Withers, 2007, p.203). Outro grande comprador dos mapas de Faden foi o *Dépôt des Cartes et Plans de la Marine*, que fornecia mapas para os oficiais da Marinha francesa (Worms, 2004, p.9 e Pedley, 1996, p.162). Era através das suas cartas que não só os britânicos, mas também

os franceses, espanhóis e demais europeus acompanhavam o desenrolar do teatro da guerra americana.

A precisão da cartografia que produziu sobre o tema era tanta que até mesmo militares recorriam aos seus trabalhos, caso do Almirantado francês. Como lembra Edney (2004), esse foi um momento de grande desenvolvimento da cartografia militar.

Com a expansão do mapeamento militar nos séculos XVIII e XIX, a cartografia se transformou em uma forma dos oficiais serem vistos por seus superiores e assim obter promoções. Em troca, o estado e suas elites governantes ganhavam três coisas: poder através da aquisição e controle da informação geográfica essencial para o rápido desenvolvimento industrial e militar estatal; legitimidade por meio da submissão voluntária de seus leais servos; e prestígio pelo visível suporte as artes e as ciências. O mapeamento era parte integrante da hegemonia fiscal, política e cultural das elites dominantes da Europa (Edney, 1994, p.108-9).

Ao perceber o anseio pelo mapeamento militar que a Guerra de Independência provocou, Faden tratou de saciá-lo e, provavelmente, recorrendo a informantes militares locais que lhe passavam informações diretamente do campo de batalha, conseguiu inserir seu negócio no disputado jogo comercial de mapas europeu.

Ao mesmo tempo, Faden começou a estabelecer contatos na rede de *savants* que cercava o comércio de mapas. Foi assim que se aproximou e se transformou em um membro ativo de várias sociedades e clubes, como a *The Smeatonian Society of Civil Engineers*,<sup>2</sup> onde entrou em 1776. Essa sociedade reunia os principais engenheiros britânicos, homens que estavam por trás das grandiosas construções públicas e privadas da época, que eram reflexos do desenvolvimento alcançado pela Revolução Industrial. “Faden era importante para esses homens porque todos os seus desenhos de canais, de melhorias em portos, de construção de docas e todo o resto, precisavam de mapas acurados. E quase sempre era Faden quem gravava e imprimia esses trabalhos” (Worms, 2004, p.9). O prestígio aumentou quando recebeu o título de Geógrafo do Rei George III, em 1783, substituindo o falecido Thomas Jefferys.

Faden começou a concentrar seus trabalhos em mapas de grande escala e foi assim que decidiu revisar e atualizar as principais plantas topográficas dos condados<sup>3</sup>

<sup>2</sup> A sociedade, inicialmente *Society of Civil Engineers*, foi fundada em 1771 por iniciativa de John Smeaton (1724-1792), por isso, após sua morte o seu sobrenome foi incorporado à agremiação.

<sup>3</sup> Os condados são subdivisões administrativas históricas constituídas durante a Idade Média que organizavam a administração da justiça e da política no Reino Unido. A partir do século XIX essas estruturas foram modificadas para lidar com a nova complexidade da estrutura governamental britânica, mas a forte tradição cultural dos condados permaneceu viva e ainda hoje organiza algumas estruturas da justiça e atividades culturais, como os campeonatos de Críquete. *Encyclopedia Britannica*.

britânicos. “Ele vendia mapas de condados, mas apenas os de grande escala. Ele era um construtor de mapas sérios para propósitos sérios”(Worms, 2004, p.11). Sob sua supervisão e também financiamento, vários levantamentos de condados foram realizados, como o famoso mapa de Norfolk e o de Sussex, que lhe rendeu, em 1796, um prêmio dado pela *Society of Arts*,<sup>4</sup> como o melhor levantamento topográfico produzido naquele ano.

Além disso, também comprava placas de mapas antigos, com o intuito de atualizá-los. Dessa forma, juntou o maior e o melhor estoque de mapas de grande escala das Ilhas Britânicas, sendo inclusive o impressor e o editor dos primeiros mapas da *Ordnance Survey*.<sup>5</sup>

Nesse momento que a estratégia adotada por Faden provocou uma revolução no cenário do comércio de mapas no final do século XVIII. O ponto de virada foi marcado pelo abandono dos chamados mapas históricos ou da *Geographia Antiqua*. Em seu catálogo de obras, publicado em 1822, apenas quatro mapas tratavam da geografia antiga, enquanto outros dois exploravam a astronomia. Faden, ao contrário da prática convencional entre os geógrafos, que frequentemente se dedicavam à cartografia antiga – reconstrução de mapas do passado ou elaboração de mapas baseados na geografia antiga – optou por concentrar-se na nova cartografia iluminista.

O público emergente das cidades, impulsionado pela Revolução Industrial e pelo Iluminismo, clamava por mapas que representassem a geografia atual, ou seja, mapas objetivos, fidedignos e precisos dos continentes, países, reinos, cidades, províncias e condados contemporâneos. Com essa decisão estratégica, Faden alinhou-se aos anseios sociais e políticos da época, desviando-se da tradição e respondendo diretamente às demandas da crescente sociedade iluminista.

O sucesso dos seus mapas de larga escala dos condados ingleses, por exemplo, esteve relacionado com o “aumento substancial da presença do Estado na vida cotidiana”, o que transformou suas cartas em “ferramentas cada vez mais cotidianas para o governo e sua administração”. Isso porque, “por volta de 1750, as melhorias patrocinadas pelo estado na infraestrutura civil (estradas, canais, portos, pontes) demandou tecnologias cartográficas para seu planejamento e implementação” (Edney&Pedley, 2020, p.325). A própria entrada de Faden, que não era engenheiro, na *Smeatonian Society*, revela a importância que a cartografia adquiriu para esses homens.

---

<sup>4</sup> *Royal Society for the Encouragement of Arts, Manufactures and Commerce* (RSA), fundada em 1754 com o objetivo de conceder prêmios para novas invenções, ideias, trabalhos e artes.

<sup>5</sup> Agência cartográfica nacional da Grã-Bretanha, constituída para realizar levantamentos topográficos para os mais diversos fins da Administração Pública.

William Faden se identificava como Geógrafo e *Gentleman*, ou seja, não estava apenas inserido no circuito dos artesãos manuais, como eram os gravadores, os desenhistas e os topógrafos. Também exercia o papel de homem das Ciências, como Geógrafo e Editor, um *savant*, integrado no circuito letrado iluminista e era justamente sua habilidade de circular entre esses dois mundos que lhe rendeu os contatos entre ministros, militares, embaixadores e outros geógrafos, também necessários ao seu sucesso empresarial.

Todavia, como salienta Withers, não havia uma definição universal que explicasse o que era ser um Geógrafo, no século XVIII. Faden e Jean B. B. D’Anville (1697-1782), por exemplo, se identificavam como geógrafos, mas cada um exercia a atividade de forma muito característica. Isso porque “ser um geógrafo-cartógrafo durante o Iluminismo dependia não de uma definição fixa do que era Geografia, mas de conexões sociais de variadas forças” (Withers, 2007, p.203).

Por um lado, D’Anville era um típico geógrafo de gabinete, “fazia seus trabalhos a partir do estudo de vários documentos subsidiários de natureza geográfica, juntando-os e conectando-os como considerava o mais correto” (Furtado, 2013, p.18). Por isso, apesar de “sua reputação geográfica internacional, assim como suas fontes, D’Anville nunca saiu de Paris”(Withers, 2007, p.202).

Esses *géographes* – termo que abrange geógrafo e cartógrafo na linguagem moderna – que eram membros da *Académie des Sciences* e outras instituições acadêmicas da cidade não eram artesãos nem faziam parte de nenhuma *communauté*. Mas eles eram intimamente dependentes da rede de impressores, gravadores e editores (*libraire-imprimeurs*) – e dos patronos e clientes – sem os quais os fatos geográficos permaneceriam desconhecidos (Withers, 2007, p.201).

Por outro lado, os geógrafos ingleses normalmente exerciam mais de uma atividade, caso do próprio Faden, que, além de fazer mapas, era gravador, impressor e editor de livros, revistas e cartões. Ademais, o motor que direcionava a produção de mapas na Inglaterra, era guiado pelo militarismo e pela geografia local, todos intimamente conectados com o desenvolvimento burocrático e industrial do Estado. A sociedade civil também participava desse processo, pois, além de consumidora dos mapas, era uma de suas incentivadoras, o que fazia por meio das sociedades e dos clubes.

Dessa forma, além de criar, copiar ou compilar mapas, os geógrafos ingleses também se aventuravam no comando de seus próprios levantamentos topográficos. A busca e o incentivo pela construção de mapas aperfeiçoados dos condados ingleses, fez

com que Faden criasse, em sua oficina, uma espécie de “centro de computação cartográfica”. Os recursos que obtinha com seus trabalhos de editoração e de gravação se transformaram no capital que possibilitou o processo de construção e de melhoramento do mapeamento da geografia local britânica, ao qual se dedicou com afinco. Era com tais recursos que comprava as placas de cobre dos antigos levantamentos e contratava os agrimensores ou topógrafos para revisar, atualizar, ou mesmo fazer do zero um mapa de determinado local (Withers, 2007, p.203).

#### *Cultura impressa no jogo diplomático*

Contudo, parece que Withers não leva em consideração que, além dos direcionamentos sociais e políticos particulares a que os geógrafos eram submetidos, na França e na Inglaterra, também existiam forças transnacionais, que iam muito além daquelas estabelecidas comercialmente entre os geógrafos. Essas forças tinham o objetivo de usar os mapas – e nesse caso os geógrafos eram cuidadosamente escolhidos – como ferramentas de persuasão cultural, como armas na guerra geopolítica.

Dom Luís da Cunha (1662-1749) se comportou dessa forma quando contratou, em fins da década de 1740, D’Anville, na época o principal geógrafo francês, para fazer um novo e atualizado mapa da América do Sul, com o intuito de subsidiar as negociações de limites entre as Coroas Ibéricas. Décadas mais tarde, foi a vez do *criollo* Francisco de Miranda (1750-1816) recorrer aos mapas e, dessa vez a William Faden, em seu esforço pela independência da América espanhola.

Em 1790, Miranda fez sua primeira reunião com autoridades britânicas, no caso o primeiro ministro, William Pitt (1759-1806), a fim de mostrar os seus planos para a independência das colônias espanholas na América. Para conquistar o auxílio inglês, Miranda recorreu “ao poder dos mapas para convencer” (Castillo, 2012, p.384). Nessa reunião, levou alguns mapas da América do Sul de D’Anville, os quais desenrolou sobre a mesa para mostrar a Pitt as nuances geográficas da América Espanhola, “mas Miranda sabia que na medida em que seus planos cresciam necessitava de mapas mais recentes e precisos da região” (Castillo, 2012, p.384). Foi por isso que entrou em contato com Faden, em 1792, para encomendar uma série de mapas sobre a América do Sul.

As negociações com os ingleses evoluíram e, em agosto de 1804, “Miranda voltou a contratar Faden com o propósito de provê-lo do arsenal cartográfico necessário para ilustrar seu plano de ataque na América do Sul” (Castillo, 2012, p.384). Com os mapas sobre a mesa, Miranda, William Pitt, Home Riggs Popham (1762-1820) e Henry Dundas (1742-1811) organizaram os detalhes da invasão, que, efetivamente, aconteceu, em 1806, mas que não terminou como planejado. Com a imagem debilitada, mas não

desacreditada, Miranda voltou para a Inglaterra em 1807, em meio ao turbilhão provocado por Napoleão Bonaparte na Europa, que teve reflexos diretos na América do Sul.

Foi nesse contexto que Faden publicou seu novo mapa da América do Sul, *Colombia Prima or South America* (Fig.02). Segundo a historiadora Lina del Castillo, Miranda exerceu grande influência sobre essa obra e “o indicador mais obvio que sugere que *Colombia Prima* poderia refletir a visão de Miranda é precisamente o título” (Castillo, 2012, p.385). Ao renomear a América do Sul sob nome de *Colombia*, Faden corroborava os anseios independentistas de Miranda que usava essa nova nomenclatura para se referir ao continente independente (Castillo, 2012, p.385 e 2017, p.119).

**Figura 2:** Colombia Prima or South America



Fonte: British Library, Coleção Topográfica do Rei George III, 1807.

Alguns anos antes, em 1783, Miranda começou uma viagem pelos Estados Unidos e foi nesse *tour* que conheceu uma nova nomenclatura que os republicanos norte-americanos utilizavam para se referir à América: *Columbia*. “O argumento de que o Novo Mundo deveria carregar alguma parte do nome de Cristovão Colombo ao invés de Américo Vespucci já circulava nas Américas e na Europa desde o começo do século XVI” (Castillo, 2017, p.116). De fato, como mostra a historiadora Andréa Doré, os mapas, com seus “elementos retóricos de efeito persuasivo, propagandístico ou especulativo”, são capazes de nomear e renomear a geografia de acordo com as circunstâncias (Doré, 2020, p.213). Foi assim que, no século XVI, alguns cartógrafos decidiram chamar a porção sul do novo continente descoberto por Colombo de *Peruana*, tendo como inspiração as imensas riquezas do Peru. Ao expandir o nome para todo o continente, esses homens desejavam que as riquezas peruanas também estivessem presentes por todas aquelas terras.

Porém, o “continente *Peruana* não vingou, mas a proposta desse nome, mesmo sem futuro, possui uma história que a tornou possível” (Doré, 2020, p.69). Da mesma forma, ao renomear a América do Sul, no alvorecer do século XIX, com o nome de *Colombia*, Faden dialogava com as inspirações independentes e republicanas dos Estados Unidos e com o desejo de alguns homens, como Miranda, de estender esses novos ares políticos para todo o continente. A grande questão é que o nome de Miranda não aparece em nenhum lugar no mapa, no subtítulo e nos espaços reservados para as explicações e advertências, o personagem que Faden cita com destaque é “sua Excelência o falecido Chevalier Pinto” (Rochette, 1807).

Faden se referia a Luís Pinto de Sousa Coutinho (1735-1804), o Visconde Balsemão, morto em 1804. Segundo o geógrafo inglês, o Chevalier Pinto, que conhecera quando ele ainda era embaixador de Portugal em Londres, não só forneceu vários mapas e documentos geográficos originais sobre o Brasil, como lhe sugeriu a própria ideia de construir um novo mapa da América do Sul. Mas porque Balsemão incentivou Faden a construir um novo mapa da América do Sul? E com que intenções foi autorizado a colaborar com mapas de áreas sensíveis do interior do Brasil?

Enquanto a Coroa espanhola estava preocupada em esconder e controlar a circulação do *Mapa Geográfico da America Meridional* (1775) de Juan de la Cruz Cano y Olmedilla (1734-1790), temendo as implicações geopolíticas que o mapa poderia provocar, Portugal tomava a direção contrária. Os embaixadores portugueses na Europa, sempre muito bem relacionados e integrados ao circuito ilustrado das Artes e das

Ciências, eram autorizados por seus superiores a colaborar com escritores, filósofos e geógrafos estrangeiros fornecendo informações positivas sobre o colonialismo português. O objetivo era usar essas obras como canais para difundir, na opinião pública europeia, os interesses portugueses, disseminando uma interpretação positiva de seu império. O “Ministério dos Assuntos Estrangeiros português orquestrava o discurso de seus embaixadores na Europa, especialmente em Madrid, Londres e Paris, para conquistar a simpatia dessas cortes e da opinião pública de seus países. Eis as razões de seus titulares tornarem-se informantes” para a confecção dessas obras (Furtado, 2021a, p.10).

Foi com esse propósito que Balsemão forneceu informações sobre os povos indígenas brasileiros a William Robertson (1721-1793), para sua obra *The History of America*, publicada em 1777. Pouco tempo depois, foi a vez dele fornecer informações sobre o Brasil e suas fronteiras para o Abade Raynal (1713-1796), que preparava uma nova edição da sua obra *Histoire des deux Indes*, publicada em 1780. O encontro entre Balsemão e Raynal aconteceu na *South Audley Street* em Londres, a casa onde vivia a viúva do Almirante Boscawen (Edward Boscawen, 1711-1761), Fanny (Frances Evelyn Boscawen, 1719-1805), que desde a morte do marido passou a organizar encontros culturais e literários, reuniões que faziam parte de um circuito informal (com foco na participação das mulheres) conhecido como *Bluestockings Society*.

Naquele verão de 1777, a ida de Raynal a Londres agitou os salões informais da elite inglesa, pois todos queriam convidar o abade para reuniões em suas residências, ou em casas de campo. A presença de Raynal foi requisitada não só por Fanny Boscawen, mas por William Petty, o Lord Shelburne (1737-1805), por exemplo. E todos aproveitavam a oportunidade para convidar personalidades da elite, incluindo nesse círculo os representantes diplomáticos e suas famílias. Foi assim que Balsemão e sua esposa, chamada pelos ingleses de *Madame de Pinto*, conheceram Raynal.

Para os diplomatas, construir relações de sociabilidade nos locais onde residiam não era apenas uma questão fútil, era algo essencial para a realização do próprio trabalho diplomático, pois eram nesses espaços que os convivas trocavam confidências e segredos, além de conversarem sobre Política, Artes e Ciências. Aos diplomatas era essencial estabelecer bons relacionamentos, tanto nos circuitos políticos, como nos culturais. Balsemão alimentava um vívido interesse pela Geografia, pelas Ciências Naturais e pela Literatura, o que certamente lhe abriu diversas portas no circuito cultural inglês. Além disso, sua esposa, Dona Catarina (1749-1824), rapidamente se ambientou aos costumes ingleses e, por também possuir um grande interesse pela Literatura, foi

absorvida pelos clubes das senhoras britânicas. Em 1777, Horace Walpole (1717-1797) em carta para Anne FitzPatrick, a Condessa de Upper Ossory (1737-1804), debochava do francês de Dona Catarina, ainda carregado com o assento português. (Walpole, 1777, p.372) Todavia, as desconfianças e as brincadeiras sumiram, na medida em que a Madame de Pinto se integrava à sociabilidade inglesa.

Após voltar, em 1785, de uma licença de dois anos em Portugal, Balsemão se aproximou do embaixador dos Estados Unidos, em Londres, John Adams (1735-1826), com instruções para retomar as conversas sobre um tratado comercial entre Portugal e a recém-proclamada república americana. (Silva, 2002, p.310) As conversas evoluíram rapidamente e, em Março de 1786, Thomas Jefferson (1743-1826) foi de Paris para Londres, especialmente para tratar com Balsemão e Adams sobre o novo acordo. Além dos encontros diplomáticos, as famílias também começaram a se relacionar.

Mesmo ficando alguns anos fora de Londres, quando a família Balsemão retornou, os jantares e os encontros foram retomados e foi, em um desses encontros, que Dona Catarina convidou a família Adams, recém-chegada às Ilhas Britânicas, para se integrar à vida polida e educada inglesa. Segundo Abigail Adams (1744-1818), no inverno de 1786, Dona Catarina a convidou para um encontro em sua casa.

Eu fui de acordo. Estavam presentes cerca de duzentas pessoas. Eu não conhecia uma única senhora, somente de vista, tendo-as encontrado na Corte; e é uma regra estabelecida, que mesmo que nos encontremos até três noites por semana, nunca nos falamos ou nos conhecemos, sem sermos devidamente apresentadas. No entanto, não perdi tempo a conversar, sendo a Madame Pinto muito educada, e a maioria dos ministros estrangeiros presentes e jantaram conosco, a quem logo fui apresentada. Por ser domingo a noite, recusei jogar cartas (Adams, 1786).

A essa altura, Dona Catarina já tinha estabelecido uma reputação como poetisa e anfitriã e, na noite de 25 de Abril de 1786, ela e Balsemão receberam, em casa, a visita de Jefferson e Adams, que procuravam o embaixador português para finalizarem o acordo comercial que vinham negociando. Pouco tempo depois, no final daquele ano de 1786, Jefferson começaria as tratativas, com Faden, para reeditar o *Mapa Geografia da America Meridional* de Olmedilla (Fig.03). Os mapas poderiam ter sido um dos assuntos tratados pelos embaixadores? Os três – Balsemão, Jefferson e Adams – tinham grande interesse pela Geografia e eram colecionadores de mapas<sup>6</sup> e, certamente, esse

---

<sup>6</sup> A livraria de John Adams, que continha mais de 3 mil volumes, foi doada em 1894 para a Biblioteca Pública de Boston. Já Thomas Jefferson chegou a desenhar seus próprios mapas como *A Map of the country between Albemarle Sound, and Lake Erie, comprehending the whole of Virginia, Maryland, Delaware, and Pennsylvania, with parts of several other of the United States of America*, feito em 1786. Grande parte da sua coleção de mapas, cartas e outros textos geográficos está, atualmente, na *Library of*

assunto fez parte de suas conversas. Como tinham uma relação amigável, é razoável supor que poderiam até ter trocado informações sobre o projeto cartográfico de Jefferson.

### *Uma colaboração cartográfica*

De fato, no final da década de 1780, Faden estava consolidando seu nome como o principal geógrafo e editor de mapas da Inglaterra e, por isso, estava envolvido em uma série de projetos que iam desde os levantamentos topográficos dos condados ingleses até a feitura de mapas da Europa, América Central e da Índia. A proposta de Jefferson, com certeza, mostrou-se interessante para ele, porque representava a oportunidade de se aventurar em uma área – a América do Sul - na qual não tinha publicações. Além disso, o mapa de Olmedilla se encaixava no seu propósito editorial, pois apesar de abranger uma grande área, sua escala permitia a representação de muitos detalhes.

---

*Congress* em Washington, DC. Parte da mapoteca que pertenceu a Balsemão está sob a guarda da Biblioteca Pública Municipal do Porto.

**Figura 3:** Mapa Geográfico da América Meridional



Fonte: William Faden, John Carter Brown Library, 1799.

Por um lado, “Faden não estava limitado a um orçamento determinado por uma agência governamental”, pois o título de Geógrafo do Rei era apenas honorífico, assim “ele podia decidir por si mesmo sobre o risco e quanto investir na produção de um

mapa” (Pedley, 2005, p.142). Por outro lado, ele sabia que teria um público cativo nas classes mercantil e política, interessadas nos mapas mais elaborados. “O gosto por mapas de George III”, por exemplo, “significava que os gastos com livros e mapas chegavam perto de £1.000, por ano, crescendo para £1.500, por ano, depois de 1770” (Pedley, 2007, p.28). Esse público não se importava com o preço dos mapas, pois o que lhes interessava era obter “mapas copiados ou feitos por um geógrafo com boa reputação, um cujo nome estivesse associado a uma Academia, uma Sociedade ou ao patrocínio real”, como era o caso de Faden. “Eles queriam mapas legíveis, que poderiam enfeitar as paredes e que continham algo novo, mesmo se o ‘novo’ não pudesse ser diferenciado do velho” (Pedley, 2007, p.26).

Provavelmente, Balsemão conheceu Faden logo nos primeiros anos em que passou a morar na Inglaterra. Afinal, um dos principais temas da sua correspondência diplomática, naquele momento, era a Guerra de Independência Americana, cujo desenrolar poderia ser acompanhado pelos mapas publicados por Faden – que o Embaixador certamente consultava, como o fazia a maior parte do público inglês. Todavia, as relações entre os dois devem ter se estreitado a partir de 1785, pois no fundo primitivo da Biblioteca Pública Municipal do Porto, que reúne os mapas que compunham a coleção pessoal de Balsemão, praticamente todos os itens ligados a Faden são posteriores a essa data. Um desses exemplares, que provavelmente era de seu grande interesse por se tratar de uma área disputada por franceses, holandeses, ingleses e portugueses, era o mapa da costa da Guiana, intitulado *The coast of Guyana from Oroonoko to the River of Amazons and the Inland Parts*, desenhado por Louis S. D’Arcy de la Rochette e publicado por Faden. Outro mapa pertencente ao acervo de Balsemão, que se transformou em um dos trabalhos mais famosos de Faden, é *Memoir of a Map of Hindoostan or the Mogul’s Empire*, de James Rennell (1742-1830).

Anteriormente, em 1781, Balsemão conseguiu adquirir, por meio de seus contatos na Holanda, um exemplar do raríssimo Atlas manuscrito, do século XVII, intitulado *Razão de Estado do Brasil*, de Albernaz I. (Costa, 2012a, p.140). Em 1788, foi a vez de Balsemão aumentar sua biblioteca adquirindo algumas publicações de um leilão de obras duplicadas da *British Library* (Costa, 2012b, p.98). Esses exemplos revelam seu interesse colecionista e como o Visconde tinha um bom trânsito nesse circuito, por isso a hipótese de ter se aproximado de Faden, logo depois de ter passado a viver na Inglaterra é bastante plausível.

Nesse mesmo período, as expedições demarcatórias do Tratado de Santo Ildefonso (1777) avançavam e começavam a produzir seus primeiros mapas. Como

ressalta Jaime Cortesão, desde a produção do *Mapa das Cortes*, em 1749, foram várias as tentativas, capitaneadas principalmente por governadores de Brasil, de construir um novo mapa síntese de toda a colônia (Cortesão, 1968, p.355). O objetivo era apresentar uma carta atualizada, assentada nas medições feitas pelas expedições demarcatórias.

Por isso, ao saber que Faden reeditaria um mapa da América do Sul, incitou o geógrafo a não se prender somente a realizar uma cópia de um mapa já existente, mas que ele construísse um novo e atualizado mapa do continente, para o qual Balsemão forneceria informações sobre o Brasil e influenciaria o desenho de suas fronteiras, de acordo com os interesses portugueses.

### *A Influência dos Interesses Sociais, Políticos e Econômicos na Cartografia*

A cartografia, muitas vezes vista como um espelho objetivo da realidade geográfica, é, na verdade, profundamente influenciada por uma miríade de interesses sociais, políticos e econômicos. A representação visual de territórios e fronteiras em mapas não é meramente uma transcrição imparcial dos contornos geográficos, mas reflete ativamente as intenções e perspectivas dos indivíduos que moldaram essas representações.

Dentro da sociedade iluminista, políticos e indivíduos ligados ao Estado, a circulação de informações e objetos cartográficos se tornou um componente estratégico. A rede de relações entre geógrafos, diplomatas, governantes e colecionadores influenciou a produção e disseminação de mapas, que não aconteciam em um vácuo isolado. Por meio dessas conexões, os mapas não eram apenas representações neutras de dados geográficos, mas refletiam agendas mais amplas.

Um aspecto crucial a ser considerado é a questão da neutralidade dos mapas. Embora apresentem um aspecto factual e objetivo, carregam as marcas das influências dos interesses subjacentes. Os mapas são produtos culturais que refletem as intenções e visões de quem os elabora. Desde a delimitação de fronteiras até a atribuição de nomes geográficos, as escolhas cartográficas são permeadas por objetivos políticos e econômicos.

Dessa forma, as intenções geopolíticas moldaram os mapas de maneiras sutis, cabendo aos historiadores a tarefa de desvelar esses caminhos. As fronteiras, por exemplo, podem ser desenhadas de maneira a reforçar reivindicações territoriais. Os nomes geográficos podem ser escolhidos para reforçar identidades nacionais ou contestar dominações estrangeiras. Esses são exemplos que ressaltam a importância de

considerar os mapas de forma crítica, reconhecendo que eles frequentemente refletem agendas e perspectivas distintas das percebidas objetividades e neutralidades, propagandeadas pela geografia iluminista.

Consequentemente, cabe ao historiador interpretar e usar os mapas como fontes históricas que foram construídas em um contexto determinado. Reconhecer a influência dos interesses sociais, políticos e econômicos na cartografia permite uma compreensão mais precisa de como os mapas são construídos e como podem ser interpretados. Isso nos convida a enxergar os mapas não apenas como representações geográficas, mas como artefatos que carregam consigo as complexidades e interesses da sociedade em que foram produzidos.

## Referências

- ADAMS, A. Selected Letters: To her Niece. Abigail Adams to Betsey. London, April 2<sup>nd</sup>, 1786. In: WARNER, Charles Dudley, et al. *Library of World's Best Literature*. New York: Warner Library Co., 1917; Bartleby.com, 2015.
- BRITISH MUSEUM, D,1.120-132, 1774-1787. *Print, Visiting-Card*
- CÁCERES, Luiz d'Albuquerque de M. P. e. *Nova Carta da América Meridional*. 152,5x274,5cm. The National Archives, WO 78/998, [1789].
- CASTILLO, Lina del. La cartografía impresa en la creación de la opinión pública en la época de Independencia. In: MARTÍNEZ, Francisco A. O. & SILVA, Alexander C. (Eds.). *Disfraz y pluma de todos. Opinión pública y cultura política, siglos XVIII y XIX*. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, 2012, pp.377-420.
- CORTESÃO, Jaime. *História do Brasil nos velhos mapas*. Tomo II. Rio de Janeiro: MRE/Instituto Rio Branco, 1968.
- COSTA, Júlio M. R. No rasto português da biblioteca científico-médica de Hans Sloane: problemas e evidências. *Páginas a&b: arquivos e bibliotecas*, S. 2, 9, 2012b, p. 91-108.
- COSTA, Júlio M.R. Alguns livros científicos (séc.XVI e XVII) no “inventário” da Livraria dos Viscondes de Balsemão. *Ágora. Estudos Clássicos em Debate* 14.1, 2012a, 131-158.
- COSWAY, Richard. *Madame de Pinto*, 12,1x7,6cm, The Huntington Library, Art Museum and Botanical Gardens, 27.157.
- DORÉ, Andréa. *Cartografia da Promessa: Potosi e o Brasil em um continente chamado Peruana*. São Paulo: Intermeios, 2020.
- EDNEY, M. Mathematical Cosmography and the Social Ideology of British Cartography, 1780-1820. *Imago Mundi*, vol. 46, pp.101-116, 1994.

EDNEY, M.&PEDLEY, M. Writing Cartography's Enlightenment. *The Cartographic Journal*, 57:4, pp.312-334, 2020.

FADEN, William. *Mapa geográfico de América Meridional Dispuesto y gravado por D. Juan de la Cruz Cano y Olmedilla, geogfo. pensdo. de S.M. Individuo de la Rl. Academia de Sn. Fernando, y de la Sociedad Bascongada de los Amigos del Pais, teniendo presentes Varios Mapas y noticias originales con arreglo á observaciones astronómicas, Año 1775*. Londres: Publicado por Guillermo Faden, Geografo del Rey, y del Principe de Gales, Enero 1 de 1799. 62x65cm. John Carter Brown Library, Cabinet G799/1, 1799.

FURTADO, Junia F. Cartography in dispute: the frontiers of Brazil in Abbé Raynal's *Histoire des Deux Indes*. *Culture&History Digital Journal*, 10(2), December 2021, e019, pp.1-25.

FURTADO, Junia F. *O mapa de inventou o Brasil*. Rio de Janeiro: Versal, 2013

GARCIA, João C. (org.). *A mais dilatada vista do mundo: inventário da coleção cartográfica da Casa da Ínsua*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 2002.

PEDLEY, Mary Sponberg. O comércio de mapas na França e na Grã Bretanha durante o século XVIII. *Varia Historia*, Belo Horizonte, vol.23, n.37, p.14-30, jan./jun.2007.

PEDLEY, Mary Sponberg. Selected papers from the 16th international conference on the history of cartography: Maps, war, and commerce: Business correspondence with the London map Firm of Thomas Jefferys and William Faden. *Imago Mundi*, 48:1, 1996, 161-173

PEDLEY, Mary. *The Commerce of Cartography: Making and Marketing Maps in Eighteenth-Century France and England*. Chicago: The University of Chicago Press, 2005.

ROCHETTE, Louis S. D. de la. *Colombia Prima OR SOUTH AMERICA, In which it has been attempted to delineate the Extent of our Knowledge of that Continent : Extracted Chiefly FROM THE ORIGINAL MANUSCRIPT MAPS OF His Excellency the late Chevalier Pinto; Likewise from those of João Joaquim da Rocha, João da Costa Ferreira; El Padre Francisco Manuel Sobreviela &c. AND FROM MOST AUTHENTIC EDITED ACCOUNTS OF THOSE COUNTRIES / Digested & Constructed BY LOUIS STANISLAS DARCY DE LA ROCHETTE*. London: Published by Wiliam Faden, Geographer to His Majesty and to His Royal Highness the Prince of Wales, June 4th 1807. Scale approximately 1:3, 200, 000, 239 x 164 cm. Part of King George III's Topographical Collection. British Library, 018640974, 1807.

SILVA, J. J. da C. R. da. Luís Pinto de Sousa Coutinho: 'an English gentleman'. In: *Ideário político de uma elite de Estado: corpo diplomático (1777/1793)*, Lisboa, Calouste Gulbenkian, p. 187-312, 2002.

TORBERT, Emily K. *Dissolving the Bonds: Robert Sayer and John Bennett, print publishers in na age of revolution*. Tese. Newark: University of Delaware, 2017.

WALPOLE. Walpole to Lady Ossory, 24 August, 1777. In: LEWIS, W. S. (ed.) *The Yale Edition of Horace Walpole's Correspondence*. v.32. New Haven: Yale University Press, 1965, p.372.

WITHERS, Charles W. J. *Placing the Enlightenment: Thinking Geographically about the Age of Reason*. Chicago: The University of Chicago Press, 2007.

WORMS, L. The Maturing of British Commercial Cartography: William Faden (1749-1836) and the Map Trade. *The Cartographic Journal*, 41:1, pp.5-11, jun.2004.

Artigo recebido em 30/05/2023

Aceito para publicação em 13/11/2023